

A psicoterapia dialógica de Martin Buber

Saturnino Pesquero Ramon

*Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Goiânia, GO, Brasil*

RESUMO

A doutrina buberiana sobre os efeitos humanizadores do seu princípio dialógico, que define o genuíno diálogo, estabelece a base para se alcançar tanto uma realização pessoal plena quanto uma sociedade construída sobre as relações interpessoais. Num primeiro momento, sua elaboração teórica e aplicação prática estiveram mais voltadas para o campo da sociologia e da educação. A partir da década dos anos 50, no entanto, privilegia seu viés psicológico e psicoterápico. O presente artigo objetiva expor os principais conceitos e postulados de seu modelo psicoterápico assim como a convergência do mesmo com o da Psicoterapia Centrada na Pessoa de C. Rogers.

Palavras-chave: Inversão de direção; inclusão; realização; singularidade; o “Entre”.

ABSTRACT

The dialogical psychotherapy of Martin Buber

Buber's thought on his dialogic principle humanizing-effects, which defines the authentic dialogue, establishes the bearer to attempt either a genuine personal realization or a community constructed on inter-human relationship. First, his rhetorical elaboration and practical application were more oriented to the sociological and educational realms. After the 50's, nevertheless, his psychological and psychotherapeutic bias has been privileged. This article attempts to explain the main concepts and postulates of this psychotherapeutic approach and how they converge with the rogueries Person-Centered Therapy.

Keywords: Turning; inclusion; realization; Single one; the “between”.

RESUMEN

La psicoterapia dialógica de Martin Buber

La doctrina sobre los efectos humanizadores de su principio dialógico, que define el genuino diálogo, establece la base para se alcanzar tanto una realización personal plena cuanto una sociedad construída sobre las relaciones interpersonales. En un primer momento, su elaboración teórica y aplicación práctica estuvieron más diseccionadas para el campo de la sociología y de la educación. A partir de la década de los años 50, sin embargo, privilegia su bias psicológico y psicoterápico. El presente artículo explana los principales conceptos y postulados de su modelo psicoterápico así como los puntos de convergencia del mismo con el de la Psicoterapia Centrada en la Persona de C. Rogers.

Palabras clave: Inversión de dirección; inclusión; realización; singularidad; el “entre”.

Não resta dúvida que, em todos os tempos, foi intuído que a essencial relação recíproca entre dois seres humanos representa a primigênia oportunidade de realização como ser humano [...]; que dessa forma o dizer Tu pelo Eu está na origem de todo singular vir-a-ser humano. Ele [o psicoterapeuta] deve praticar um tipo de procedimento que se chama inclusão.

(M. BUBER)

O compacto e pequeno livro poético EU e TU mostra o caminho para recuperar o verdadeiro eixo de nossa plena realização existencial, incompleta quando realizada apenas com a relação do Eu-Isso. Essa correção de rumo é chamada por Buber de Umkehr, tradução alemã da palavra hebraica: teshuvah.

Sua equivalente inglesa é turning. Sua equivalente portuguesa poderia ser inversão de direção. Kramer e Gawlick (2003, p. 156), explicam que ela evoca tanto o reconhecimento do Centro [aquilo que polariza a realização da singularidade humana], quanto o ato de retomar de novo este rumo. Graças a esses atos:

“o sepultado poder relacional do homem brota de novo, as ondas que brotam em todas as esferas de relação se avolumam no fluxo vital para dar um novo vigor a nossa existência humana”. As três esferas básicas de relação, no nível humano, são a da nossa vida com a natureza ou das “coisas que temos a mão”; a da nossa vida com os demais homens; a da nossa vida com as “realidades espirituais”, ou das coisas imateriais, que o poder do espírito humano é capaz de presentificar ou dar-lhe forma sensível e inteligível. Esta esfera é chamada por Buber de *geistige Wesenheiten*, cuja tradução literal seria: entidades, formas espirituais ou inteligíveis. É a esfera que tem maior dificuldade de ser entendida. Sobre a sua origem transcendental Buber explica: “Aquele que foi tocado pelo espírito [...] sabe que tais coisas não germinam e não se desenvolvem no mundo dos homens sem serem semeadas: sabe que elas nascem do encontro do Homem com o Outro” (Buber, 1974, p. 148). Por outro lado, seus escritos sugerem a existência de uma quarta esfera de relação, fora da tríade exposta. É, contudo, no *Post-Scriptum* – escrito após quatro décadas – do *EU e TU*, onde acrescenta esta quarta esfera da vida de relação humana com o Eu Eterno, com o Absoluto, com “o mistério do ser”, com Deus (Kramer e Gawlick, 2003, p.63).

O objetivo da obra *EU e TU*, como o próprio título sugere, é despertar para a necessidade de desenvolver a capacidade dialógica humana, dormida ou inexplorada na consciência do homem atual, e, dessa forma, poder realizar a plenitude humana, toda vez que isto se torna impossível com apenas uma atitude existencial: a que define o discurso Eu-Isso. Vale dizer, as duas palavras-princípio: *Eu-Tu* e *Eu-Isso*, como expressões das duas atitudes básicas do homem ser-no-mundo, são igualmente necessárias e complementares, no sentido que uma requer a outra.

Lidar com essa dupla atitude existencial implica: de um lado, atender os afazeres de nosso dia-a-dia, trabalhando, construindo, possuindo e guardando coisas, recebendo informações, etc., que caracterizam nossa atitude *Eu-Isso*; por outro, sentimos a falta inata das experiências *Eu-Tu*, através das quais nos realizamos como seres humanos. Essa necessidade de plenitude humana não é de natureza material. É fruto de um psiquismo, entendido como espírito, sinônimo de uma consciência transcendental. Explicando ainda que essa realização humana se alcança de forma processual: “a vida consciente do homem é também um processo” (Buber, 1974, p. 26-27).

Posteriormente e com maior clareza, na sua obra: *Israel and the Word: Essays in a Time of Crisis* (1948), explicará essa condição peculiar e transcendental do ser humano, movido pela força do espírito, quem,

apenas se realiza, plenamente, ao tornar-se consciente e realizando todas suas possibilidades corporais e espirituais:

Espírito não é uma tardia flor na árvore-homem, se não aquilo que constitui homem

... Espírito é a totalidade do homem que se tornou consciência, a totalidade que abrange e integra todas suas capacidades, poderes, qualidades e impulsos... Vida espiritual [psíquica] não é outra coisa que ser homem, à medida que ele possui aquela verdadeira totalidade humana consciente (Buber, cit. apud Friedman, 2002, p. 106).

Esta penosa e dinâmica dialética de saber conciliar e integrar as forças do finito e infinito, Buber a descreve, metaforicamente, com o exemplo da crisálida e a borboleta. Explica: “O ISSO é a crisálida, o TU a Borboleta”. Acrescentando, no entanto, que, no caso do homem, a vivência e síntese de ambos os estados ou atitudes relacionais existenciais são prometeicas, no sentido de que: “não são estados que se alternam nitidamente, mas amiúde, são processos que se entrelaçam confusamente numa profunda dualidade” (Buber, 1974, p. 20).

A grande parte dos escritos buberianos converge, direta ou indiretamente, para pensamento exposto, na sua obra-prima: *EU e TU* (1923), como obra precursora emblemática deve citar-se: Daniel: *Dialogues on Realization* (1913), onde parece, por primeira vez, o conceito-chave de inclusão (*umfassung*), básico para ser entendida sua doutrina do dialógico. Como representativas da elaboração ulterior, devem ser citadas: *Between Man and Man* (1947), cuja livre tradução do título seria: *De Pessoa a Pessoa*, e o *Postscript* do *EU e TU* (1957). No Brasil, segundo nos consta, apenas existiria a tradução de alguns capítulos dessa primeira obra: o I, II e o *Posfácio à história do princípio dialógico*, que forma parte da obra: *Das Dialogischen Prinzip*, traduzida com o título: *Do Diálogo e do Dialógico*, (2007). Faltaria a tradução de seus capítulos III, IV, e, sobretudo, de seu V capítulo, intitulado: *What is the man?*, contendo as preleções, como professor de Filosofia Social na Universidade Hebraica de Jerusalém, onde propugna que a única via para conhecer a singularidade de cada ser humano deve ser trilhada pela vereda “da plenitude de relação que ele mostra” (Buber, 2004, p. 244).

Para poder alcançar uma leitura proveitosa do *EU e TU* e seu *Postscript*, em função de seu estilo poético em prosa e aforístico, faz-se necessária uma leitura prévia ou concomitante da obra acima citada: *Between Man and Man*. Sobre este particular, o próprio autor no seu prefácio explica que:

“os cinco ensaios que estou apresentando juntos para os leitores de língua inglesa, têm surgido em conexão com meu pequeno livro *EU e TU* (1923), como complementos e aplicações do que foi dito nele, tendo particular preocupação com as necessidades de nosso tempo” (Buber, 2004, p. ix).

Todas estas considerações preliminares visam contextualizar o pensamento buberiano sobre psicologia e psicoterapia a partir de sua doutrina do dialógico e que, agora, exporemos ao discorrer sobre estes três tópicos: Buber psicólogo e “psicoterapeuta”; postulados de sua psicologia e modelo psicoterápico; a convergência entre o modelo de terapia buberiano e rogeriano.

BUBER PSICÓLOGO E “PSICOTERAPEUTA”

A recente obra de Judith B. Agassi: *Martin Buber on Psychology and Psychotherapy* (1999), recolhe os escritos, correspondências e atividades de Buber, em defesa de seu paradigma de psicologia e psicoterapia, fundadas na doutrina dialógica. A primeira parte dessa obra recopila seus nove ensaios, publicados, nas décadas de 50 a 60 sobre os referidos temas. Pela sua importância, limitar-me-ei a comentar, sucintamente, apenas, o primeiro e penúltimo desses escritos. O primeiro: *Healing through Meeting* (1951), curiosamente, foi usado como Prefácio da obra póstuma de Hans Trub, intitulada: *Heilung aus Begegnung. Eine Auseinandersetzung mit der Psychologia de C.G. Jung* (1952). A estreita amizade entre Buber e Trub (1889-1949) começou em 1920. A influência de Buber levou esse psicanalista junguiano a desenvolver um método psicoterápico independente, calcado nos postulados dialógicos buberianos. Por este motivo, Buber, no texto do Prefácio assinalado, profético augura: “Tenha certeza de que não faltarão homens como ele-conscientes e que, sem medo e arriscando administrar sua vocação, não se pouparão nem impedirão se aventurar-homens que encontrarão seu caminho e o abrirão para novos horizontes” (Buber, 1999b, p. 21). De acordo com Trub (in Friedman, 2002, p. 229) as diretrizes da sua nova orientação psicoterápica, que não considera o psiquismo como um objeto, “dando nomes e criando categorias dos conteúdos internos do paciente”. Ao contrário, “o psicoterapeuta no seu trabalho com os doentes, é essencialmente um ser humano... Consequentemente, explora e ama o ser humano em seus pacientes aceitando-o... fazendo-o presente para si, sempre de novo”. Esta nova orientação terapêutica de abertura dialógica com o paciente se assenta neste postulado básico defendido no ensaio que, agora, nos

ocupa. Buber parte, pois, do pressuposto de que: “a mente jamais adoce sozinha” senão que sempre está subjacente a um problema de relacionamento: “de entreidade” (*betweenness*), uma situação [de falta de uma relação dialógica] entre ela e outro ser existente”.

Por esta razão, o terapeuta deve esforçar-se para romper o “encasulamento” que caracteriza todas as afecções psíquicas, pois, tal fechamento:

pode e deve ser superado totalmente e uma transformada e curativa relação deve e pode ser inaugurada para a pessoa que está enferma nas suas relações com outrem – para o mundo do outro que ele não consegue abafar dentro do interior de si mesmo (Buber, 1999b, p. 21).

Por seu turno, o penúltimo escrito: *O post-Scriptum do EU e TU*, redigido em 1957 e publicado em 1958, foi fruto de um amadurecimento e crescimento nas suas ideias, como seu autor explica: “algum tempo depois [mais de quarenta anos], eu tinha adquirido um domínio expressivo que me permitia escrever o livro na sua forma definitiva” (Buber, 1999a, p. 139).

Efetivamente, se de uma parte, em seu *EU e TU*, postulava que: “são três as esferas nas quais o mundo da relação se constrói” e que: “entre as três esferas, há uma que destaca: a da vida com os homens” (Buber, 1974, pp. 117-118). Agora, no seu Pós-escrito, acrescentará esta questão central: “o que acontece através da relação EU-TU entre os homens?” (Buber, 1999a, p. 144).

Na verdade, Buber, com a pergunta formulada, quer dar uma resposta técnica sobre natureza específica da mutualidade que se opera nestas três modalidades de relação dialógica: a educativa, a psicoterápica e da direção espiritual, que teriam a finalidade de produzir um efeito psicológico benéfico sobre os parceiros implicados. Nestas modalidades de relação, a mutualidade tem regras próprias. Escreve: “Toda relação EU-TU, numa situação definida pela finalidade de um membro ajudar ao outro, para que possa alcançar alguma meta está condenada a nunca ser completa”. Esta paradoxal prescrição normativa dos limites da mutualidade na relação de ajuda é explicada com a simplicidade do adágio evangélico de que “um cego não pode guiar outro cego”, segundo ele, pois, na relação de ajuda psicológica a bipolaridade da relação deve estar centrada, apenas, na experiência do ajudado. Sobre este particular prescreve esta dupla orientação técnica complementar, que deve sinalar o caminho para que este tipo de relação seja frutífera e não passe de uma relação de amizade comum, com trocas de experiências mútuas: 1ª) exercitar “a arte da inclusão (*embracing*)” no sentido, do terapeuta – em nosso caso – circunscrever-se, abarcar, compreender, etc... a experiência

do seu cliente, tal qual ele a vivencia e a verbaliza; 2ª) evitar não dar oportunidade para que o cliente, diante uma situação comum, que o terapeuta, por falta de idoneidade deixa transparecer, exercite a inclusão com relação a mesma experiência, indevidamente, verbalizada pelo terapeuta. A este respeito reafirma: “Mais uma vez, a específica relação de cura terminaria no momento que o paciente determinasse praticar a arte de inclusão e, de fato, fosse bem sucedido em experienciar os eventos compartilhados pelo doutor”. Por esta razão, taxativo, conclui: “Curar assim como educar exige estar contíguo e, mesmo assim, sem troca ou transferência de lugar (ibid., p. 146). Diante do exposto, surge, a pergunta: como Buber chegou a tal saber teórico e prático, agora, relatados? Quem formulou essa pergunta ao próprio Buber foi Rogers, na mesa redonda, realizada com a participação de ambos, tendo como coordenador e organizador Maurice Friedman, ante uma audiência de quatrocentos participantes, na Universidade de Michigan, em 18 de abril de 1957. Teve uma duração de uma hora e meia. Nesta ocasião, Rogers abriu o debate com esta instigante pergunta:” Dr. Buber, como você vivenciou uma experiência de relacionamento interpessoal tão profunda e alcançou tamanho conhecimento do ser humano sem ser um psicoterapeuta?” (Agassi, 1999c, p. 247).

Buber, que na época estava com setenta e cinco anos e Rogers com cinquenta e cinco, respondeu com sua conatural modéstia: “Hummm. É uma questão biográfica. Penso que posso dar duas respostas ao invés de uma só”. De fato, o conteúdo da resposta contempla dois aspectos: o da sua formação acadêmica na área psicológica; o de sua prática no campo de oferecer uma ajuda psicológica curativa. Com relação a sua formação acadêmica psicológica, esclarece:

Não sou totalmente um leigo no assunto... quando estudante, faz muitos anos, estudei psiquiatria, durante três períodos letivos [...]. O primeiro, com Flehsig em Leipzig, donde fui aluno de Wundt. Depois em Berlim com Mendel; e, o terceiro período letivo com Bleuler, em Zurich, foi o mais interessante dos três períodos (Agassi, 1999c, p. 248).

Ironicamente, como assinala Paul Roazen (1999, p.xxiv): “Buber, provavelmente, teve uma experiência formal psiquiátrica, no início de seus estudos, mais completa da que teve Freud como residente de neurologia e pouco familiarizado com psiquiatria”.

E sobre sua prática de ajuda psicoterápica, aplicando sua doutrina dialógica, revela: 1ª) que sempre “teve uma certa inclinação para ‘encontrar-se’ (*to meet*) com as pessoas”; 2ª) que diante de uma pessoa com problemas psicológicos, ele não podia furtar-se

e deixá-lo preso a sua própria sorte e dizer-lhe: “Não, estou fora. Você é um maluco?”; 3ª) que a necessidade de ajudar psicologicamente aos outros, de modo especial, aos mais jovens, se fez mais intensa a partir da morte de um amigo muito íntimo, vítima de seus ideais revolucionários. A partir daí, toda sua vida esteve voltada a desenvolver esse talento inato de psicólogo terapeuta e a sistematizar a teoria dialógica que fundamentava esse mister... Neste labor de ajuda curativa psicológica, sempre exigiu o máximo de si mesmo: “Eu tenho que doar o fruto da minha experiência” (Agassi, 1999c, pp. 249-250).

No resto do diálogo foram tratados, de igual para igual, problemas técnicos sobre a relação psicoterapêutica, tal como, o central das condições necessárias para um genuíno diálogo curativo. A mesa-redonda finalizou com uma intervenção de Buber sobre a qual Rogers respondeu: “Uh, Huh... Correct!!!”, seguida de aplausos de todos os assistentes (ibid., p. 270).

Esse saber psicológico e psicoterápico teve reconhecimento acadêmico de seus pares. Salienta-se o fato de que após a publicação de seus escritos e de suas palestras proferidas na sua viagem aos Estados Unidos, em 1956, recebeu de Leslie Faber, Diretor da Escola de Psiquiatria de Washington, D.C. o convite para ministrar um curso. Buber aceitou e nos meses de março e abril de 1957, foi o principal palestrante no Seminário sobre *O Inconsciente*. Pelo exposto não resulta exagerada nem descabida esta afirmação de Paul Roazen considerado “o pai da história da psicanálise”: “Alguns conceitos-chave como ansiedade, transferência, e o do inconsciente como tal, necessitam ser reexaminados à luz dos ensinamentos de Buber” (Roazen, 1999, p. xxv).

POSTULADOS DA SUA PSICOLOGIA E MODELO PSICOTERAPICO

Desdobrando o tema anterior, de forma concisa e introdutória, como objetiva este estudo, desfaremos alguns outros fios do rico tecido do pensamento buberiano sobre o psiquismo humano e a psicoterapia. Sobre o psiquismo salientamos estas duas premissas básicas: a da singularidade de cada ser humano e, em consequência de cada psiquismo; a da realização dialógica dessa singularidade. A cerca da primeira dimensão escreve:

Cada homem tem o dever de saber ... que jamais houve no mundo ninguém igual a ele, pois caso houvesse existido alguém igual a ele não haveria necessidade de que nascesse. Cada homem é um ser novo no mundo, chamado a realizar sua particularidade no mundo” (Buber, 1958, p. 139).

Esta cosmovisão tem origem hassídica. Para os judeus, pois: “cada homem está destinado à realização de uma *mitsva*, de um mandamento previsto para ele. Quando o homem reconhece sua *mitsva* pessoal, o homem dessa maneira chega as raízes de seu psiquismo: compreende o próprio da sua personalidade, a natureza de sua relação com Deus” (Safran, 1989, p. 252). Sua teorização psicológica, no entanto, está estreitamente ligada a Kierkegaard, como assinala Friedman: “[...] em seus escritos maduros, está claro que Kierkegaard representa uma das mais singulares influências sobre o pensamento de Buber” (Friedman, 2002, p. 39). Efetivamente, Buber reconhece esta influência ao declarar: “Só pelo fato de defrontar-se com a categoria da ‘singularidade de cada ser humano’ e de conceituá-la com máxima claridade, faz que Soren Kierkegaard se torne o único que apresentou a paradoxal problemática de que ser cristão implica: ser, comunitário e, ao mesmo tempo, solitário e singular, na tarefa pessoal (Buber, 2004, p. 46). A vivência da própria singularidade marca a vida e obra do autor dinamarquês. Escreverá: “Ousarmos ser nós próprios, ousar-se ser um indivíduo, não um qualquer, mas este que somos, sozinho frente a Deus, isolado na imensidade de seu esforço e de sua responsabilidade: eis o heroísmo cristão” (Kierkegaard, 2004, p. 13). Convém salientar que Buber emprega para denominar a singularidade o termo alemão: *der Eizlen*, traduzido no inglês por: *Single One*, que poderia ser traduzida por “O indivíduo singular”, ele o diferencia do termo: *der Eigenwessen*, o indivíduo e do termo *der Person*, a pessoa. Essa distinção terminológica é fundamental para a compreensão de sua concepção dinâmica do psiquismo humano. Assim, numa carta a Trub explica: “Individação” é na minha opinião, começar com um termo errado: *nós começamos como indivíduos (individuals)* e terminamos tornando-nos *pessoas* (Buber, 1999f, p. 166). Ou seja, o problema da cura existencial não residiria em restaurar a integridade perdida do indivíduo (seu sintoma), senão em ativar as potencialidades psíquicas para realização da sua singularidade ou de tornar-se pessoa (seu enigma).

Esta dimensão da realização da singularidade própria é tão central quanto complexa na sua doutrina psicológica. Antes de tentar explaná-la, faz-se necessário esclarecer um mal-entendido: qual é o alcance da crítica de Buber ao ponto de vista de Kierkegaard sobre este particular. Em primeiro lugar, Buber salienta a originalidade do seu guia. Escreve: “Como temos visto o ‘vir-a-ser singular’ de Kierkegaard não segue o modelo socrático. O objetivo, pois desse chegar-a-ser ‘singular’ não é a vida ‘correta’ [socrática], senão entrar dentro de uma relação” (Buber, 2004, p. 58). Sobeja dizer que esta mesma proposição norteia toda a obra

de Buber. Em segundo lugar, critica, apenas, seu ponto de vista, de caráter religioso, acerca da necessidade de renunciar às coisas do mundo terreno para alcançar uma relação mais plena com Deus, testemunhada com a ruptura do relacionamento com sua amada, Regina Olsen. Salienta, porém, a nobreza de Kierkegaard ao retratar-se de tal posição, documentando que: “Em 1843, Kierkegaard registra no seu Diário, esta inesquecível confissão: ‘Se eu tivesse tido fé, eu teria ficado com Regina’” (ibid., p. 66).

Retomando a questão inicial sobre o que ele entende por realização da própria singularidade, urge, primeiro, explicar a distinção que estabelece entre estes dois conceitos correlatos: *orientação e realização*. Segundo ele, uma coisa é “*orientar-se na existência*” e, outra, “*realizá-la*” (Buber, 1965, pp. 12). *Orientação* estaria para a relação Eu-Isso; *Realização* para a relação Eu-Tu.

O conceito de *realização* é polissêmico. Sua definição incluiria estas quatro conotações complementares. A primeira: dinâmica-criativa. Friedman (2002, p. 100), a sintetiza: “O *self* [como sinônimo de vir-a-ser singular] como tal, não é afinal de contas, o essencial; o que conta é a tarefa, determinada pelo designio da Criação – de realizar um *self*, sempre novo”. A segunda: a holística, que Meca (2000, p. 109), explica: “Realizar” é para o Buber de *Daniel*, reconhecer às coisas e às pessoas seu caráter de ser próprio e independente, singular e dotado de sua própria razão e ser”. A terceira: a dialógica.

Esta é a mais rica e difícil de ser compreendida. Atravessa toda a obra buberiana. Ilustro-a com estas palavras emblemáticas do autor: “Realizar a própria singularidade transcende o círculo da própria pessoa. Isto significa estar pronto para uma relação [...], a relação pela qual o homem existe [chega-a-ser humano]” (Buber, 2004, p. 58). Finalmente: a ético-social. Explicá-la é o objetivo de seu citado ensaio: *O quê é o homem?* Nessa obra propugna que somente a realização humana nos moldes propostos possibilita uma terceira alternativa para superar as deficiências demonstradas pelo individualismo e coletivismo. O conhecimento e prática de sua proposta, pois: “ajudará a que surjam, de novo, pessoas autênticas e se fundem comunidades autênticas” (ibid., p. 243).

Por outro lado, seu paradigma de psicoterapia propugnado está visceralmente vinculado com sua concepção sobre a constituição ou realização relacional-dialógica do psiquismo exposta, suposto que: “A peculiar característica da espécie humana, reside, acima de tudo, em que aquilo que acontece ‘entre’ um ser humano e outro [a vida dialógica], não tem algo parecido em parte alguma da natureza”, acrescentando

que isso acontece na esfera do acontecer dialógico humano do “entre” (ibid., pp. 240-241). Buber, sobre esse polissêmico conceito do “entre” distingue estes dois aspectos complementares: a) o de ser uma estrutura ontológica, esclarece: “Trata-se de uma feição ou característica originária ou inata do ser humano” (ibid., p. 241). Meca (2000, p. 210) para defini-la, emprega estas expressões: “o a priori da relação” e “o tu inato”. E, Fredman (2002, p. 112) a chamará: “prerrogativa inata” (*birthright*); b) o de ser o substrato, o espaço e a oportunidade para a vida dialógica. Explica: “O *entre* não se trata de um construto lógico, senão do espaço e substrato reais das ocorrências humanas [a vida dialógica]” (Buber, 2004, p. 240); acrescentando ainda: “Em todos os tempos foi intuído que a essencial relação recíproca entre dois seres representa a primigênia oportunidade de realização como ser humano” (ibid., p. 249). Essa oportunidade a define como esfera do “entre” – “*sphere of between*” – (ibid., p. 241). Ou seja, como espaço, onde o encontro recíproco ou dialógico acontece. Friedman sublinhará ainda o aspecto da responsabilidade ético existencial de exercitar a vida dialógica. Escreve:

Esta vida [dialógica] é uma obrigação da ‘prerrogativa inata’ dos seres humanos, suposto que apenas, através da mesma, podemos alcançar uma existência autêntica. Essa prerrogativa inata, no entanto, não é apenas inata, senão que também deve ser explorada para merecê-la (Friedman, 2002, p. 112).

Como vimos anteriormente, a possibilidade e eficiência do seu modelo psicoterápico se assentam nestas premissas inseparáveis: a da etiologia relacional das afecções propriamente psíquicas; a da força indestrutível da mente humana para restabelecer, superando os obstáculos, a sua vida dialógica, como condição para sua saúde e realização da sua singularidade. Perante esse fato, surge a pergunta: quais devem ser os procedimentos usados pelo terapeuta para ajudar seu cliente nessa empreitada? O procedimento a ser seguido, prescrito por Buber, é o da *inclusão*. Kramer e Gawlick (2003), ao tratar do *Caminho da inclusão*, definem com clareza esta conduta terapêutica. Assinalam que Buber ensina que uma efetiva prática da inclusão implica estes comportamentos profissionais interconectados: 1ª) o de fazer presente (*making present*) para o cliente “o que está pensando, sentindo e experienciando”, sem renunciar a sua função de terapeuta de não transgredir os limites normativos de uma mutualidade curativa, como explicamos anteriormente (p. 203); 2ª) o de “aceitar, afirmar e confirmar” o cliente no seu modo de ser singular atual e

projetado; 3ª) o de dar ênfase ao ato de “confirmar”, pois: “Buber, na obra *The Knowledge of Man* escreve que a base da vida interpessoal é o desejo que cada pessoa tem de ser confirmada (aceita, apoiada) tal como ela é e tal como possa vir-a-ser”, acrescentando ainda que: “Confirmação é um incoercível e indestrutível anseio humano de ser aceito e afirmado na sua singularidade apesar das opiniões contrárias” (pp. 196-197). Sob essa perspectiva teórica não há motivos para estranhar os reparos que Buber coloca às terapias que apenas “analisam” o cliente, isto é: “trazem à luz os fatores inconscientes de seu microcosmos” para integrá-los conscientemente a seu projeto de vida. Isto, de fato, pode ajudar para que seu psiquismo desencontrado [*diffuse*] e pouco estruturado se reencontre e organize. Isso só, no entanto, não basta para uma cura autêntica. Para tanto, faz-se necessário: “a atualização e liberação” das forças internas bloqueadas (*stended*) do psiquismo do cliente, e, dessa forma, sentir-se livre para alcançar a plena realização de sua singularidade, garantia de uma autêntica cura. O único caminho para desimpedir este potencial e torná-lo ativo é o do exercício da vida dialógica, que a terapia restaura (Buber, 1999a, pp. 145-146). Em função disso, o psiquiatra Viktor Von Weizsacker, colaborador de Buber no Periódico *Die Kreatur*, propõe “uma distinção entre terapia objetiva (analítica) e ‘inclusiva’ (*umfassender*)” (Friedman, 2002, p. 219).

CONVERGÊNCIA ENTRE O MODELO DE TERAPIA BUBERIANO E ROGERIANO

Fique bem claro, desde o princípio, que a convergência analisada, em nada sacrifica a paternidade e originalidade de ambas as propostas. A esse respeito, aquilo que primeiro chama nossa atenção é o fato de que os dois, por caminhos diferentes, assimilaram, em suas teorias terapêuticas, as teses de Kierkegaard sobre o imperativo humano de alcançar sua própria singularidade. Como explicamos anteriormente, o caminho percorrido por Buber foi pela senda de sua religiosidade semita hassídica. Já o caminho trilhado por Rogers foi pela senda da psicologia organísmica do neuro-psiquiatra, Kurt Goldstein.

Hall, Lindzey e Cambel (2000, p. 348), resumem seu pressuposto básico:

A teoria organísmica supõe que o indivíduo é motivado por uma pulsão soberana e não por uma pluralidade de pulsões. O termo de Goldstein para esse motivo soberano é *autoatualização ou autorrealização*, que significa que os humanos estão sempre tentando realizar suas potencialidades

inerentes por todos os caminhos abertos para eles. Tal singularidade de propósito dá direção e unidade à nossa vida.

Antes falamos do encontro de Buber com as ideias de Kierkegaard. Por seu turno, Rogers (1978, p. 177) confidencia sua descoberta e afinidade com o pensador Danes:

Não estudei a filosofia existencial. O primeiro contato que tive com a obra de Soeren Kierkegaard e de Martin Buber deve-se a insistência de alguns estudantes de teologia de Chicago que empreenderam um trabalho comigo. Eles tinham a certeza de que eu encontraria no pensamento destes homens uma ressonância do meu. O que era numa larga medida correcto. Embora houvesse em Kierkegaard, por exemplo, muitos pontos que para mim não significavam nada, havia e há de vez em quando, intuições profundas que exprimem perfeitamente perspectivas que eu tinha mas que não conseguia formular. Se bem que Kierkegaard tivesse vivido há perto de cem anos, não posso deixar de considerá-lo como um amigo sensível e altamente receptivo. Julgo que este artigo mostrará a minha dívida para com ele sobretudo porque a leitura da sua obra me abriu perspectivas e me levou a confiar e a exprimir a minha própria experiência.

Além dessa convergência nos postulados antropológico-psicológicos, que norteiam ambos modelos psicoterápicos, há, também, uma convergência nos aspectos técnicos que orientam a prática terapêutica. Friedman (2002, p.225), estabelece um estreito paralelismo entre a teoria e prática terapêutica dos dois autores, nestes aspectos básicos: 1ª) O das atitudes dialógicas do terapeuta que propiciam uma libertação das forças psíquicas estagnadas do cliente, tendo em vista a realização de própria singularidade. Explica: “Para Rogers e para Buber é importante, no processo de tornar-se pessoa [realização da própria singularidade] que o cliente experiencie que é entendido e considerado, ou usando termos de Buber, que seja confirmado e afirmado pelo terapeuta”. 2ª) O da necessidade, por parte do terapeuta, de salvaguardar o limites de uma mutualidade curativa. Escreve: “Para ambos isso implica, ao mesmo tempo, um certo distanciamento e ausência de envolvimento emocional [...] evitando-se uma identificação emocional”. Sobre esse crucial e central ponto da técnica dialógica de ambos os autores e que guarda um certo paralelismo com problema da contratransferência da técnica psicanalítica – mas com uma orientação e dinâmica diferentes, cuja explicação foge ao propósito do presente artigo, relembro as palavras já citadas de Buber, 1999a, p.146): “Curar

assim como educar exige estar contíguo, e, mesmo assim, sem troca ou transferência de lugar”. Na mesma linha, Rogers, dedica o 5º capítulo: *Client-Centered Therapy: Its Current Practice, Implications and Theory* (1951) ao problema de como lidar com o que ele chama de “atitudes transferenciais do cliente”. Uma década antes, na sua obra: *Counseling and Psychotherapy* (1942), já expunha o problema dos limites diante das expressões afetivas do cliente. Sobre o primeiro aspecto das “atitudes dialógicas do terapeuta”, acrescento que de fato existe uma estreita coincidência entre as atitudes que caracterizam o exercício da *inclusão*, por parte do terapeuta, propugnada por Buber e as três atitudes terapêuticas defendidas por Rogers. A este respeito, sobeja explanar que: a qualidade do terapeuta ser autêntico ou verdadeiro”; a sua “compreensão empática” da experiência verbalizada pelo cliente; e a sua consideração positiva incondicional do cliente”, traduzem as atitudes da *inclusão* buberiana, pré-requisito para uma autêntica relação dialógica curativa.

Finalizo assinalando que Rogers nunca escondeu sua afinidade com o pensamento de Buber. Ilustro com o conteúdo das suas palavras, proferidas por ocasião do histórico encontro dos dois na já referida mesa redonda sobre psicoterapia na Universidade de Michigan (abril de 1957): “Há apenas uma hora que me encontro pessoalmente com o Dr. Buber, ainda que me tenha encontrado, desde longa data, com seus escritos”, (Agassi, 1999b, p. 247).

Por sua parte, Buber jamais quis ser dono da verdade. Apenas um precursor, entre muitos, que desde cedo, na sua vida quis desvendar a verdade do “ser-com” ou dialógico, que caracteriza a natureza humana. Com modéstia bíblica, confidencia a respeito da originalidade da sua doutrina do princípio dialógico:

Em nosso tempo, homens de diferentes correntes e tradições de pensamento têm-se dedicado à busca do tesouro escondido (a vida dialógica). Cedo, eu também tive experiências semelhantes, provenientes de outras direções (Buber, 2004, p. 256).

REFERÊNCIAS

- Agassi, J.B. (1999). *Martin Buber on psychotherapy*. New York: Syracuse University Press.
- Buber, M. (1958). *Hassidism and modern man*. New York: Horizon Press.
- Buber, M. (1964). *Philosophical interrogations*. New York: Hope, Rinechart & Winston.
- Buber, M. (1965). *Daniel, dialogues on realization*. New York: McGrawHill Book.

- Buber, M. (1974). *Eu e Tu*. São Paulo: Centauro.
- Buber, M. (1999a). Afterword to I and You. In J.B. Agassi. *Martin Buber on psychology and psychotherapy* (pp. 139-148). New York: Syracuse University Press.
- Buber, M. (1999b). Healing through Meeting. In J.B. Agassi. *Martin Buber on psychology and psychotherapy* (pp. 17-21). New York: Syracuse University Press.
- Buber, M., & Rogers, C. (1999c). Martin Buber and Carl Rogers. In J.B. Agassi. *Martin Buber on psychology and psychotherapy* (pp. 246-270). New York: Syracuse University Press.
- Buber, M. (1999d). What is common to all. In J.B. Agassi. *Martin Buber on psychology and psychotherapy* (pp. 89-109). New York: Syracuse University Press.
- Buber, M. (1999e). *Correspondence with Hans Trüb*. In J.B. Agassi. *Martin Buber on psychology and psychotherapy* (pp. 161-178).
- Buber, M. (2004). *Between Man and Man*. New York: Routledge.
- Buber, M. (2007). *Do diálogo e do dialógico*. São Paulo: Perspectiva.
- Friedman, M. (2002). *The life of dialogue*. New York: Routledge.
- Hall, C., Lindzey, G., & Cambel, J. (2000). *Teorias da personalidade* (4ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Kierkegaard, S. (2004). *O desespero humano*. São Paulo: Martin Claret.
- Kramer, K. P. & Gawlick, M. (2003). *Martin Buber I and You-practicing living dialogue*. New York: Paulist Press.
- Meca, D.S. (2000). *Martin Buber* (2ª ed.). Barcelona: Herder.
- Rogers, C. (1942). *Counseling and psychotherapy*. Boston: Houghton Mifflin.
- Rogers, C. (1951). *Client-centered therapy: Its current practice, implication, and theory*. Boston: Houghton Mifflin.
- Rogers, C. (1978). *Tornar-se pessoa*. Lisboa: Moraes.
- Roazen, P. (1999). Introduction. In J.B. Agassi. *Martin Buber on psychology and psychotherapy* (pp. xix-xxvi). New York: Syracuse University Press.
- Safran, A. (1989). *La Cábala*. Barcelona: Ediciones Martínez Roca.

Recebido em: 20/05/2010. Aceito em: 20/09/2010.

Autor:

Saturnino Pesquero Ramon – <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4773091T2>>.

Enviar correspondência para:

Centro de Estudos e Formação especializada em
Psicoterapia Centrada na Pessoa
Rua 115, Qd. F39, Lote 20, Setor Sul
74085-200, Goiânia, GO, Brasil
E-mail: <ramonpesquero@uol.com.br>